

CIES e-WORKING PAPER N.º 76/2009

**“Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais”:
Representações dos jovens sobre sexualidade**

ANA CRISTINA MARQUES

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Ana Cristina Marques é antropóloga; investigadora do CIES-ISCTE e doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE. Está a desenvolver trabalho na área da conciliação entre trabalho e família. Tem especial interesse nas áreas da família, do género, da sexualidade e da juventude. E-mail: ana.c.marques@iscte.pt

Resumo

Os resultados de diversas pesquisas apontam para as profundas transformações que têm vindo a ocorrer, desde os anos 60, do século XX, no que diz respeito à família, ao género e à sexualidade, como a democratização da vida íntima, a uma pluralização da vida familiar ou o reconhecimento da diversidade sexual. Entre as várias mudanças que se deram no domínio da sexualidade encontramos a aproximação das trajetórias e atitudes sexuais de homens e mulheres. Actualmente, as mulheres vivem a sua sexualidade de forma mais liberta e aberta a novas possibilidades.

No entanto, as diversas mudanças não são iguais em todo o mundo, não sendo acessíveis a todas as pessoas. As transformações das relações sociais que dizem respeito à sexualidade são menos radicais do que geralmente se acredita. Ao nível da sexualidade, coexiste um discurso moderno igualitário em relação às mulheres com o tradicionalismo patente nas questões do controlo da sexualidade feminina.

Neste *paper* iremos apresentar alguns resultados de uma pesquisa em curso sobre as trajetórias sexuais dos jovens adultos para a conjugalidade e para a parentalidade. Os dados foram obtidos através de entrevistas biográficas, realizadas em Leiria, a 20 jovens entre os 18 e os 29 anos, pertencentes a diferentes meios sociais. Pretendemos focar a análise nas práticas e representações dos jovens sobre a sexualidade. Procuramos responder a algumas questões centrais: qual o significado que a sexualidade têm para estes jovens? Será que rapazes e raparigas têm a mesma possibilidade de viver a sexualidade? Será que permanece ainda a existência do duplo padrão sexual?

Palavras-chave: género, sexualidade, juventude

Abstract

The results of various pieces of research indicate the great changes that have taken place since the 1960s with regard to the family, gender and sexuality, for example, the democratisation of the intimate side of life, the pluralisation of family life and the recognition of sexual diversity. Among the various changes that have occurred in the area of sexuality, we find that the sexual attitudes and trajectories of men and women have drawn closer together. At the present time, women live their sexuality in a way that is more liberated and more open to new possibilities.

However, the various changes are not the same throughout the world and are not accessible to everybody. The transformations in social relations with respect to sexuality are less radical than is generally believed. As far as sexuality is concerned, a modern egalitarian discourse concerning women coexists with the traditionalism evident in questions of the control of female sexuality.

In this paper, we shall present some of the results of research that is being carried out on the sexual trajectories of young adults towards conjugal relationships and parenthood. The data was collected by means of biographical interviews held in Leiria with 20 young people aged 18 to 29 years, from different social environments. We seek to place the focus of the analysis on the young people's practices and representations with regard to sexuality. Our aim is to answer certain key questions: what meaning does sexuality have for these young people? Do young men and young women have the same ability to live their sexuality? Does the two-track sexual pattern still exist?

Keywords: gender, sexuality, youth

Introdução

Os resultados de diversas pesquisas apontam para as profundas transformações que têm vindo a ocorrer, desde os anos 60, do século XX, no que diz respeito à família, ao género e à sexualidade, como a democratização da vida íntima, a uma pluralização da vida familiar ou o reconhecimento da diversidade sexual (Weeks, 2007).

Entre as várias mudanças que se deram no domínio da sexualidade encontramos a maior aceitação do controlo dos nascimentos, do aborto, do divórcio, de uma sexualidade não inscrita na conjugalidade, da coabitação e da homossexualidade, assim como um maior reconhecimento da sexualidade feminina (Weeks, 2003 [1986]; Bozon e Kontula, 1997; Bozon, 2005 [2002]). Actualmente, a grande maioria de homens e de mulheres tem relações sexuais antes do casamento; os jovens iniciam a sua actividade sexual em idades cada vez mais jovens, os parceiros sexuais tendem a valorizar simultaneamente a reciprocidade e a satisfação individual; as mulheres passam a ter uma atitude mais activa nas relações amorosas e menos dependente da vontade masculina (Giddens, 1996; Pais, 1998; Weeks, 2003 [1986]; Bozon e Kontula, 1997; Bozon, 2005 [2002]; Ferreira, 2008). As trajectórias e atitudes sexuais de homens e mulheres aproximam-se na maior parte dos países desenvolvidos (Bozon e Kontula, 2007; Weeks, 2007). Actualmente, as mulheres vivem a sua sexualidade de forma mais liberta e aberta a novas possibilidades (Giddens, 1996).

Acima de tudo estas transformações deram origem a discursos de autonomia individual, direitos e justiça sexual que levaram a novos padrões para julgar o que é pensado como errado ao nível sexual e que dá poder a novas formas de agência (Weeks, 2007). Actualmente vivemos num mundo que possibilita modos de vida que representam um avanço nas relações humanas e que enaltecem autonomia individual, a liberdade de escolha e padrões de relações mais igualitários. (Weeks, 2008)

No entanto, as diversas mudanças não são iguais em todo o mundo, não sendo acessíveis a todas as pessoas. As transformações das relações sociais que dizem respeito à sexualidade são menos radicais do que geralmente se acredita. Ao nível da sexualidade, coexiste um discurso moderno igualitário em relação às mulheres com o tradicionalismo patente nas questões do controlo da sexualidade feminina.

As assimetrias entre homens e mulheres continuam a existir. Os diversos inquéritos realizados sobre o comportamento sexual de homens e mulheres mostram que persistem,

de forma sistemática, diferenças nas declarações de homens e de mulheres (Jamieson, 2005 [1998]; Bozon, 2005 [2002]), que se traduzem, em diferentes formas de pensar a sexualidade (mais do que em comportamentos), que implicam diferenças na maneira como as relações sexuais são pensadas e avaliadas (Bozon, 2005 (2002)). Vários autores (Almeida, 1996; Vasconcelos, 1997; Pais, 1998; Holland et al., 1996; 2004 [1998]; Jamieson, 2005 [1998]; Jackson e Scott, 2004; Bozon, 2005 [2002]) referem a persistência do duplo padrão sexual. Neste sentido as mulheres continuam a ser diferentemente pensadas consoante o número de parceiros sexuais que têm ou a facilidade com que se entregam a uma relação sexual.

Neste paper iremos reflectir sobre o modo como os jovens entendem a sexualidade. Tentaremos perceber se rapazes e raparigas representam a sexualidade de forma diferente, como é assumido em diversos estudos realizados nesta área, ou se, pelo contrário, para estes a sexualidade é entendida de forma semelhante. Para tal iremos primeiramente incidir sobre a importância e o significado que a sexualidade têm para os jovens, de seguida apresentamos alguns resultados de como os jovens vivem e pensam a sua primeira relação sexual, para no fim procurarmos perceber se o duplo padrão sexual permanece ou não enraizado nas vivências e nas representações dos jovens sobre a sexualidade. Defendemos que, embora haja jovens que reiteram os discursos tradicionais da heterossexualidade, em que os homens teriam a possibilidade de viver a sexualidade de forma mais liberta e desvinculada do sentimento amoroso e do quadro de uma relação estável, existem outros que apontam para a existência de uma forma mais sentimentalizada de viver a heterossexualidade masculina. No domínio da vivência da sexualidade juvenil tendem a coexistir discursos tradicionais com discursos mais modernos; continuidade e mudança andam a par. Consideramos ainda que o que é ser-se homem e ser-se mulher não é igual em todos os momentos ou em todos os lugares. Assim, se existe um modelo dominante de viver a sexualidade heterossexual, é preciso ter em conta que nem todos os indivíduos se conformam a esse modelo.

Os dados apresentados fazem parte de uma pesquisa de doutoramento em curso sobre as trajetórias sexuais dos jovens adultos para a conjugalidade e para a parentalidade, tendo sido obtidos através de entrevistas biográficas, realizadas em Leiria, a 20 jovens entre os 18 e os 29 anos, com diferentes escolaridades, situações perante a profissão e perante um relacionamento amoroso. Estas 20 entrevistas fazem parte de um conjunto maior de 60 entrevistas que estão ainda a ser realizadas a jovens hetero, homo e bissexuais.

Género e sexualidade

A relação entre género e sexualidade é posta em evidência de variadas formas, por diferentes autores. O género está intimamente associado à sexualidade. Negociar os encontros sexuais pode reforçar, desafiar ou modificar o nosso sentido de identidade como homens ou mulheres. A masculinidade e a feminilidade normativas são definidas em parte pela heterossexualidade, que por sua vez é moldada pelas diferenças de género (Jackson e Scott, 2006 [2002])

A cultura moderna assumiu uma relação íntima entre o facto de se ser biologicamente um homem ou uma mulher e a forma correcta de comportamento erótico, usualmente a relação sexual entre um homem e uma mulher. Actualmente existe um pressuposto de uma clara distinção e polarização entre sexos. A divisão binária entre masculinidade e feminilidade e entre homossexualidade e heterossexualidade continua a posicionar os sujeitos sexuais, ao mesmo tempo que organiza o desejo sexual, subordinando a mulher e marginalizando os transgressores. Nas últimas gerações tem havido mudanças que apontam para uma maior tolerância relativamente ao que é diferente, assim como para uma reavaliação das relações entre homens e mulheres. No entanto, este ponto de vista mantém-se fortemente enraizado na nossa cultura (Weeks, 2006 [1986]).

Na literatura sociológica são vários os trabalhos que apontam para a diferenciação entre homens e mulheres. Neste âmbito os homens teriam um maior controlo emocional (na medida em que o excesso emocional é entendido como algo que disviriliza o homem), teriam uma sexualidade mais activa, racional, autónoma, incontrolável, centrada sobre a concretização do desejo, enquanto que as mulheres teriam uma sexualidade mais emocional, mais centrada sobre a relação, reactiva, receptiva e inferior; A uma sexualidade predatória masculina opõem-se assim uma sexualidade passiva feminina, existindo duas culturas emocionais separadas para homens e mulheres (Ducombe e Marsden, 1993; Heilborn e Bozon, 1996; Jackson e Scott, 1997; Holland et al, 2004 [1998]; 2006 [2002]; Jaspard, 2005 [1997]; Jamieson, 2005 [1998]; Allen, 2003; Heilborn et al, 2006).

No entanto, as pesquisas sobre as identidades e práticas heterossexuais juvenis cada vez mais mostram que os jovens utilizam discursos contraditórios, demonstrando diversos níveis de resistência e de acomodação às tradicionais interações heterossexuais de género, estando constantemente a movimentar-se entre discursos no que diz respeito à heterossexualidade (Maxwell, 2007).

Os trabalhos realizados por Allen (2003) e por Maxwell (2007) dão-nos conta da coexistência de discursos convencionais da heterossexualidade com discursos que resistem aos significados dominantes da sexualidade masculina e feminina. É assim que, embora a maioria dos jovens entrevistados por Allen (2003) refira que os homens querem sexo e as mulheres amor, há jovens mulheres que falam dos seus desejos e do prazer como expressões e experiências normais da sua sexualidade, contrariando a imagem das jovens mulheres como sexualmente passivas; assim como há jovens homens que referem desejar o amor, o respeito, a honestidade e a confiança, e o compromisso de uma relação heterossexual. Contudo, foram mais as mulheres que os homens a referir que desejavam carinho, apoio e compreensão, verdade, honestidade e respeito de uma relação. Os jovens posicionam-se assim de forma complexa e fluida nos discursos dominantes da (hetero)sexualidade, parecendo acomodar-se e resistir simultaneamente às construções da sexualidade masculina (Allen, 2003). Maxwell (2007) refere também que as descrições que muitos jovens fizeram de uma relação sexual conformaram-se com as normas tradicionais da heterossexualidade, no entanto os jovens homens ao reflectirem sobre as relações românticas referiram a uma série de expectativas que podem ser entendidas como sendo mais igualitárias em termos de género, como a necessidade de terem alguém que os entendesse. Estas narrativas dão um retrato dos jovens como tendo necessidades emocionais, e não só sexuais, projectando nas suas parceiras uma função activa e personalizada, que não é aparente na objectificação dos depoimentos que fazem das mulheres em geral.

Ora, é preciso lembrar também que, embora haja um modelo dominante de masculinidade e de feminilidade, as identidades masculinas e femininas ao invés de serem fixas são estão antes frágeis e casuais, estando sujeitas a uma variedade de influências e sendo muitas vezes permeadas por contradições. A masculinidade e a feminilidade estão carregadas de mensagens conflitantes e contraditórias, tendo diferentes significados em diferentes contextos (Weeks, 2003 [1986]). Acresce ainda que existem sobreposições significativas em termos de sexualidade masculina e feminina, sendo que uma grande maioria de homens e mulheres se situa a meio termo de um continuum, em que apenas os extremos contrastam (Schwartz e Rutter, in Plummer, 2005). As pesquisas que opõem uma cultura masculina e feminina frequentemente exageram as diferenças de género, negligenciando as diferenças intra-género, não conseguindo assim captar as múltiplas diferenças e pontos em comum existentes entre eles (Thorne, 2006 (2002)).

Significado e importância da sexualidade

A sexualidade é um aspecto central das sociedades modernas, sendo foco de questões sociais e políticas que fazem parte de preocupações globais, como a violência sexual, a educação sexual, a prostituição, o tráfico de mulheres, o aborto, a contracepção, a monoparentalidade, o HIV, os direitos dos homossexuais, ou a organização da vida social através da institucionalização da heterossexualidade (Richardson, 2000). Nos últimos 30 anos tornou-se um aspecto central do capitalismo global, com a utilização do imaginário sexual na publicidade ou a indústria sexual (a pornografia, o turismo sexual, os casamentos). A sexualidade é também um mecanismo de controlo social e de regulação, sendo por isso um foco de luta política através dos esforços de movimentos sociais centrados nas questões sexuais e reprodutivas. Ao nível individual a sexualidade é central para o nosso entendimento das identidades e relações contemporâneas, estando directamente ligada com o modo como nos sentimos connosco próprios e com os outros e, frequentemente, com os nossos motivos para formar relações e conseguir intimidade. É um modo de experimentar amor a prazer, assim como um modo de mostrar valor pessoal (idem).

No mundo ocidental considera-se que a sexualidade tem uma relação privilegiada com a natureza da virtude e da verdade. Espera-se que as pessoas se encontrem a si próprias através da sua sexualidade. A sexualidade é considerada como sendo a coisa mais natural do nosso ser. Através da sexualidade as pessoas experienciam-se como pessoas reais, ganhando assim um sentido de identidade, como homens ou como mulheres, como homossexuais ou heterossexuais (Weeks, 2003 [1986]).

A sexualidade passou a ser algo que cada pessoa tem ou cultiva, deixando de ser uma condição natural adquirida, funcionando antes como um “... elemento maleável do self, um ponto de ligação essencial entre corpo, auto-identidade e normas sociais.” (Giddens, 1996: p.11).

Se a sexualidade se tornou cada vez mais importante na construção do sujeito individualizado, existe, contudo, maneiras diferentes dos indivíduos lhe darem sentido e de inscreverem a sexualidade na sua biografia (Bozon, 2005 [2002]). Bozon (idem; 2004) considera existirem configurações distintas, mas em número limitado, que associam formas estáveis das práticas da sexualidade e representações do eu, contribuindo de forma diferenciada para a construção dos indivíduos. Estes tipos de orientações íntimas

constituem quadros mentais, que delimitam o exercício da sexualidade, definem o sentido que lhe é atribuído e indicam o papel da sexualidade na construção da identidade. O autor (2004; 2005 [2002]) refere então existirem três modelos de orientação relativamente à sexualidade: o modelo de rede sexual em que a renovação de parceiros, sob o lema da liberdade sexual, tem valor em si; o modelo do desejo individual, em que procura do desejo é fundamental na identidade do sujeito; e o modelo de sexualidade conjugal, em que a actividade sexual serve de motor à relação.

Para os nossos entrevistados a sexualidade pode adquirir vários significados. A sexualidade pode ser entendida como sinónimo de sexo: *“Se me falarem em sexualidade a primeira palavra que me vem há cabeça é sexo, de resto mais nada”* (Norberto, 25 anos, a tirar pós-graduação, bancário, com namorada), ou como algo que produz prazer: *“Sexualidade é prazer, sem dúvida. É ter prazer, saber dar prazer. Sexualidade é uma coisa super banal, que todas as pessoas têm necessidade.”* (Paulo, 12º ano, electrecista/pizzeiro, sem namorada). Para muitos dos entrevistados, homens e mulheres, a sexualidade adquire um significado mais relacional, esta é entendida enquanto forma de relacionamento, sobretudo heterossexual, como expressão de um sentimento que se tem pelo parceiro, mas também como forma de conhecimento do seu próprio corpo e do corpo do parceiro, do que satisfaz o próprio e o outro.

“Penso logo num homem e numa mulher, é a primeira ideia que me vem à cabeça. Prontos, penso em sexualidade é o que eles fazem entre eles, não te sei explicar. O que é que eu penso quando penso em sexualidade? Imagino logo uma pessoa nua e conhecer o próprio corpo e essas coisas todas, conhecer o que é que a satisfaz, o que é que satisfaz o parceiro.” (Ricardo, 28 anos, 11º ano, proprietário de negócio de máquinas de vendas, com namorada)

“A sexualidade sei que não é sexo mesmo, mas eu acho que tem a ver com as relações, os relacionamentos, neste caso entre homem e mulher. [...]. Não tem que ser o sexo em si, mas os sentimentos, as emoções pelo sexo oposto. O sexo oposto ou não.” (Dina, 29 anos, a frequentar mestrado, desempregada, sem namorado)

Neste sentido, a sexualidade só faz sentido se existir um envolvimento afectivo entre os parceiros. O sexo ocasional, experimental, como busca de prazer momentâneo é encarado com desconfiança e recusado por estes jovens: *“A sexualidade para mim é entregar-nos a uma pessoa que gostamos. Eu acho que sexo só por sexo não vale a pena. Eu acho que tem que haver um sentimento”* (Patrícia, 20 anos, estudante do ensino superior, sem namorado). Alguns homens, como é o caso do Filipe, distanciam-se claramente do sexo sem amor.

“Eu não sou do género de me envolver... ter um affair ou passar só uma noite, não, para mim isso não, porque eu acho que quando chegamos a esse ponto tem que haver algum sentimento, não é? [...] Não é sair, veres passar na rua: “olha aquela gaja é bué da boa, tenho que a ir comer – desculpa lá o termo – tenho que a ir comer”, como nós os rapazes normalmente costumamos utilizar, percebes?” (Filipe, 26 anos, 12º ano incompleto, empregado de armazém, sem namorada)

Outra forma de encarar a sexualidade é como algo que define os indivíduos enquanto homens e mulheres, enquanto pessoas, na sua forma de agir para consigo próprio e para com os outros, quer sejam amigos ou possíveis parceiros. A sexualidade adquire assim importância para a identidade do indivíduo.

“A sexualidade é se calhar o que nos define como mulheres e como homens, ah, tudo o que nos envolve, ah, acho que é a maneira de sermos, a maneira de agirmos para connosco, para com os nossos amigos, para com se calhar um possível companheiro ou um namorado, tudo à nossa volta basicamente, acho que podemos identificar com isso.” (Isabel, 25 anos, estudante do ensino superior, vendedora, sem namorado)

Há também quem diferencie a sexualidade como forma de prazer e dentro de uma relação. A distinção entre uma conquista sexual e o apaixonar-se por uma parceira sexual está patente entre os jovens entrevistados noutros estudos (Holland, et al, 1996; Maxwell, 2007). Assim se a sexualidade como forma de prazer envolve o desejo físico pelo outro, a sexualidade dentro de uma relação envolve o sentimento que se tem pelo outro, o carinho e o afecto. Neste sentido, sexo por prazer e dentro de uma relação aparecem como opostos um do outro.

“Sexualidade, eu pessoalmente, para mim há dois tipos: sexualidade, ou seja, sexo em si, só pelo prazer; e existe depois a parte de sexo com algum intuito, ou seja quando uma pessoa tem um sentimento por outra pessoa, [...] por exemplo eu namorei dois anos com uma pessoa e fazia, não sei se se pode chamar amor, mas fazia sexo com essa pessoa com sentimento, ou seja, uma pessoa fazia, tinha carinho, tinha... é totalmente diferente quando uma pessoa conhece uma pessoa e tem vontade, aquele desejo de ter algo físico com essa pessoa, normalmente é intenso, mas não tem tanto aquela componente do carinho, do afecto, do pensar como é que aquela pessoa se está a sentir.” (João, 24 anos, estudante do ensino superior, vendedor, sem namorada)

Mas, a sexualidade não tem também o mesmo grau de importância para todas as pessoas, variando consoante os processos sociais originados “... no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam” (Heilborn, 1999 a): p. 40).

A maioria dos nossos jovens atribui importância à sexualidade, embora essa importância adquira significados diferentes. Para alguns jovens, como o Filipe ou a Rita a sexualidade é naturalizada, ou seja é entendida como algo natural, que faz parte do ser

humano, que está sempre presente na vida dos indivíduos e sem a qual não se vive: “A sexualidade é uma coisa natural. Para mim acaba por ser importante porque... porque é assim, a vida é feita de desejos também (Rita, 25 anos, estudante do ensino superior, com namorado); “Opá, eu acho que faz parte do ser humano, [...] Pronto, eu acho que é importante, não vives sem ela [...] faz parte da vida.” (Filipe, 26 anos, 12º ano incompleto, empregado de armazém, sem namorada). No entanto é enquanto algo que faz parte de uma relação, que a fortifica, que a complementa, que aumenta o conhecimento e a intimidade entre parceiros, que na maioria das vezes a sexualidade adquire importância para os jovens. Neste sentido a sexualidade é posta ao serviço da relação, a actividade sexual não se concebe fora do quadro da relação, o sujeito tem relações sexuais por amor ou para agradar o parceiro (Bozon, 2004)

“A sexualidade tem a sua importância, porque digamos que é um momento a dois, neste caso estou a falar porque tenho namorada, portanto, é uma coisa que eu faço com sentimento, é uma coisa que eu gosto, estou a partilhar prazer com a pessoa mais importante da minha vida e é bom.” (Norberto, 25 anos, a tirar pós-graduação, bancário, com namorada)

Como referimos, os resultados de diversos estudos tendem a atribuir significados diferentes para homens e para mulheres em relação à sexualidade. Para as mulheres a sexualidade seria assim mais ligado ao sentimento enquanto que para os homens esta estaria mais ligada ao prazer e a uma necessidade constante de ter relações sexuais, que se traduziria na sua procura constante. De facto entre os nossos entrevistados existem jovens que consideram que a sexualidade adquire uma importância diferente quer se trate de homens e de mulheres. Neste sentido as mulheres são consideradas mais sensíveis, para elas é importante que a relação envolva sentimento. Já os homens banalizariam mais este acto, tendo relações sexuais quando quisessem, independentemente do sentimento tido pela parceira. Os homens teriam também mais necessidade de terem relações sexuais, mais desejo sexual.

“Não sei se é por a mulher ser para mim um ser um bocado mais sensível, ela tem muita importância, a sexualidade para ela e a primeira vez tem muita importância, enquanto que para o homem eu vejo como sendo uma coisa mais banal, para eles: “é mais uma, pronto, ok”, pronto.” (Patrícia, 20 anos, estudante do ensino superior, sem namorado)

“Para mim é muito importante. A minha namorada diz que eu sou um bocado meio tarado, mas pronto. Não, porque... pronto, ela está, maior parte do tempo ou dói-lhe a cabeça ou não sei quanto e eu... [...] Todos os meus amigos se queixam do mesmo, que elas ou não querem ou não lhe apetece, anda tudo esfomeado. Verdade.” (Rui, 27 anos, 9º ano, operário, união de facto)

Mas existem jovens que, numa perspectiva mais igualitária, consideram que a sexualidade é tão importante para homens como para mulheres. A importância da sexualidade variaria neste caso em função dos indivíduos e não do sexo, se alguns indivíduos valorizariam o sexo pelo prazer outros dariam importância ao sentimento. O desejo sexual estaria então presente tanto nos homens como nas mulheres. Há quem considere também que cada vez mais as mulheres procuram ter relações sexuais esporádicas.

“Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais, percebes? Opá, há homens que dão mais importância que outros, há outros que, opá, a intenção é só levar ali a rapariga para a cama e tal e amanhã já nem me lembro o que é que aconteceu e até passo por ela e finges que não conheces; opá, como há outros que não, que dão importância. Lá está, se calhar há outros, como é o meu caso, não é?, tem que haver qualquer espécie de sentimento, percebes? Como também há mulheres iguais aos casos que eu disse agora, percebes?” (Filipe, 26 anos, 12º ano incompleto, empregado de armazém, sem namorada)

“Aquela distinção entre homens e mulheres a nível sexual então eu cada vez mais acho que essa distinção deixa de existir, porque as mulheres também têm muita necessidade de sexo e cada vez mais as mulheres sentem aquela necessidade de procurar o sexo esporádico.” (Paulo, 22 anos, 12º ano, electricista/pizzeiro, sem namorada)

Assim, se alguns entrevistados fazem a distinção entre homens e mulheres na importância que é atribuída à sexualidade, outros há que consideram que esta tem o mesmo significado para ambos. Existem jovens que referem a importância da sexualidade para o homem como necessidade, como fazendo parte do ser-se homem, indo de encontro aos conceitos de uma sexualidade heterossexual masculina compulsiva, no entanto outros há que defendem que a sexualidade só faz sentido se existir sentimento. Rapazes e raparigas enfatizam a importância do envolvimento afectivo para a existência de uma relação sexual, fazendo, em alguns casos, derivar o significado da sexualidade da existência de uma relação. Neste âmbito a sexualidade é entendida no seu sentido relacional, tendo importância na manutenção e no fortalecimento da relação entre o casal.

A primeira relação sexual

Ao longo de todo o século XX, a idade à primeira relação diminui para homens e para mulheres, embora para os primeiros de forma mais moderada e para as segundas de forma mais abrupta. Cada vez mais, para as mulheres, a primeira relação sexual vai

deixando de coincidir com o casamento. As primeiras relações sexuais tornaram-se numa fase autónoma e precoce da sexualidade, sem uma relação imediata com a instalação do casal ou mesmo com a coabitação. Contudo, embora as mulheres tenham vindo a alargar o seu período de liberdade pré-conjugal, os homens têm um número mais elevado de anos de liberdade pré-conjugal do que estas (1993).

O calendário de entrada na sexualidade é acima de tudo marcado pela pertença de género. Esta pertença conduz homens e mulheres a incorporar diferentes representações deles próprios e expectativas diferentes para a primeira relação sexual e para um primeiro parceiro (Bozon, 1993). É comumente referido que os homens têm uma maior tendência para desassociarem a primeira relação sexual de um investimento sentimental duradouro, projectado para o futuro, existindo antes uma maior preocupação quanto ao seu desempenho e ao aumento da experiência. A primeira relação sexual constituiria para os rapazes uma etapa de aprendizagem onde o estatuto do parceiro tem menor importância; valoriza-se a iniciação e a experiência individual (Bozon, 1993; Bozon e Kontula, 1997; Vasconcelos, 1997; Pais, 1998; Heilborn et al, 2006; Ferreira, 2008). Para os rapazes a primeira relação sexual seria um momento de ganho de poder com grande importância simbólica e física; através da primeira relação sexual o rapaz é identificado como um homem, confirmado como um actor social competente (Holland et al, 2006 [2002]). No caso das raparigas a primeira relação sexual tenderia a acontecer num contexto relacional, associado ao desenvolvimento de um vínculo, com um parceiro que configura um potencial cônjuge, há a valorização da entrada em relação (Bozon, 1993; Bozon e Kontula, 1997; Vasconcelos, 1997; Pais, 1998; Heilborn et al, 2006; Ferreira, 2008). Para estas a primeira relação sexual seria então fruto de um acontecimento que implica o desejo de uma relação estável, uma relação “verdadeira” e durável, em que existe o sentimento amoroso, estabelecendo-se assim a ligação entre sentimento, casal e sexualidade (Bozon, 1993)

Em Portugal a iniciação sexual masculina tende a ser maioritariamente realizado antes dos 17 anos; a idade média de iniciação sexual masculina é de 16,5 anos, a idade média de iniciação sexual feminina é de 17,2 anos (Ferreira, 2008). A existência de um contexto de maior liberdade em matéria de iniciação sexual permitiu uma aproximação entre comportamentos masculinos e femininos, embora os homens ainda se iniciem mais cedo. Actualmente a virgindade é desvalorizada enquanto valor condicionante do início das práticas sexuais, num quadro de aceitação generalizada da sexualidade antes do casamento.

Esta pode mesmo ser encarada como um estigma, podendo constituir, especialmente nos meios juvenis, motivo de vergonha ou in experiência.

As condições da iniciação sexual, tanto de rapazes como de raparigas, foram substancialmente alteradas devido à aceitação das relações sexuais no início da vida conjugal. A iniciação sexual, no caso dos homens, passou de uma iniciação ocasional (através de um relacionamento ocasional, da prostituição, ou do relacionamento com uma amiga), para uma iniciação que ocorre sobretudo num quadro de relacionamento afectivo, havendo assim uma tendência para “a sentimentalização da iniciação sexual masculina” (idem; p. 8). Contudo, os rapazes mantêm uma maior tendência para desvincularem os aspectos sexuais dos afectivos, mostrando uma maior preocupação pelo desempenho e pelo aumento da experiência. No caso das raparigas, o contexto relacional está associado ao desenvolvimento de um vínculo. A iniciação sexual feminina ocorre maioritariamente numa relação de namoro. As mulheres afirmam mais do que os homens terem iniciado a sua sexualidade no quadro de um relacionamento afectivo. Assim, e apesar da maior sentimentalização da iniciação sexual masculina, a sentimentalização do contexto relacional em que ocorre a primeira relação sexual é mais fortemente reivindicado pelas mulheres (Ferreira, 2008).

Estas diferentes expectativas no que diz respeito à primeira relação sexual estão patentes nos discursos de alguns jovens. Os homens teriam assim uma maior necessidade de “perder a virgindade” de modo a provar a sua virilidade e a constituir-se enquanto homem, enquanto que para as mulheres esta primeira relação sexual estaria envolta em sentimentos.

“São diferentes, é assim, hoje em dia já não sei, mas quando eu era mais novo, o homem enquanto não perdesse os três, vá lá, não se sentia um homem. Então quando tinha colegas à volta que já que todos tinham feito isto e aquilo, alguns se calhar mentirosos e tal, sentia-se um bocado mal. A mulher não, era mais aquela coisa de... não há essa coisa de já fiz, já sou melhor, o homem era um bocado isso, os jovens: “já fiz e tu não fizeste e eu sou mais homem do que tu” e nas mulheres não acontece isso penso eu.” (Ricardo, 28 anos, 11º ano, proprietário de negócio de máquina de vendas, com namorada)

“Acho que há diferenças, acho que para raparigas envolve mais sentimento, para rapazes acho que envolve mais a experiência do “quanto antes melhor” e não querer continuar a ser virgem, acho que é por aí.” (Isabel, 25 anos, estudante do ensino superior, vendedora, sem namorado)

O facto de os jovens homens terem a sua primeira relação sexual num contexto de um relacionamento mais esporádico, com uma parceira que conhecem, mas que não é a sua namorada, leva-os a desvalorizarem esta experiência. O que leva estes jovens a iniciarem-

se sexualmente é o desejo de experimentarem, a vontade de terem conhecimento de uma prática que os vai levar ao estatuto de adultos, de se tornarem homens.

“O que é que me levou? Acho que 16 anos é uma idade... naquela época apetecia-me muito experimentar e havia lá uma rapariga que estava deserta para isso também, ela já tinha experimentado e convidou-me e eu não disse que não, pronto. Da primeira? No meu caso não foi muito importante, foi à pressa um bocado. Não foi grande coisa, pronto.” (Daniel, 27 anos, 9º ano, pasteleiro, com namorada)

Neste sentido, é referida a pressão dos colegas para que esta etapa seja ultrapassada. Segundo Flood (2008) o grupo de pares masculino tem uma influência profunda nos envolvimentos heterossexuais de alguns homens. A homosociabilidade molda as relações sexuais que estes vivem, os significados que eles lhes atribuem e o desenvolvimento de narrativas à volta destas. Os homens procuram a aprovação dos outros homens, ao mesmo tempo identificando-se e competindo com estes. A actividade sexual é um aspecto chave para o estatuto masculino, sendo que os outros homens são a audiência, real ou imaginária, para as actividades sexuais dos homens.

“À então, mas tu tal e coiso, ainda não fizeste nada?”, depois acaba por ser aquele gozo, aquela forma de rebaixar uma pessoa e isto entre os jovens existe muito, principalmente nos homens [...] É mais fácil ter uma... a primeira relação sexual ser feita de uma forma esporádica, se calhar porque aquela pressão muitas vezes dada pelos colegas e isso acaba por... deixa de existir aquela primeira vez, deixar de ser especial e passar a ser a primeira vez, tem que ser o mais novo possível que é para... parece que eleva o ego.” (Paulo, 22 anos, 12º ano, electricista/pizzeiro, sem namorada)

Mas existem indícios que estas pressões se encontram também entre as raparigas. Da mesma forma que os rapazes que ainda não se iniciaram sexualmente se podem sentir diminuídos perante os colegas mais experientes, estando sujeitos a comentários jocosos da parte destes, as jovens mulheres podem sentir-se também pressionadas face aos comentários das amigas, procurando ter a sua primeira relação sexual o mais depressa possível como forma de atingir um outro estatuto.

Porque às vezes: “à, és virgem? Mas tu ainda és virgem? Com 20 anos tu ainda és virgem? Que horror!”, pronto e é esses comentários assim que às vezes a pessoa fica a pensar: “será que isto é um bicho? Será que eu sou uma anormal por ainda não ter perdido a virgindade?”, às vezes as pessoas pensam nisto e querem o mais rapidamente perder a virgindade.” (Patrícia, 20 anos, estudante do ensino superior, sem namorado)

“Pressão? Se calhar nalguns casos é capaz de haver, ou porque algumas raparigas sentem que vão ser mulheres mais cedo ou que são mais fixes porque já fazem sexo” (Cátia, 27 anos, licenciada, educadora de infância, com namorado)

Ora, apesar das diferenças de género, com uma associação mais forte entre relação sexual e vínculo afectivo para as raparigas, a maioria dos jovens em Portugal defende que as relações sexuais só têm sentido se existir amor (Vasconcelos, 1997). O amor é, hoje em dia, a justificação que legitima e deve orientar as relações, não só sexuais, mas entre parceiros, no sentido da conjugalidade. Num mundo actual, o amor torna-se “na melhor ideologia contra os aspectos negativos da individualização” (Beck e Beck-Gernsheim, 1995: p. 181). A maior parte dos jovens, mesmo rejeitando o casamento e a família como modelos de vida, procuram compromissos individuais; um companheirismo estável continua a ser tido como ideal e como objectivo.

Rapazes e raparigas parecem querer fazer coincidir experiência amorosa e experiência sexual (Le Gall, 2004). O amor surge como “um ingrediente necessário na entrada da sexualidade adulta” (idem: p. 67). A primeira relação sexual dá-se então “numa história de amor”, quando os jovens se sentem preparados (idem). É então o facto de gostarem do seu parceiro que leva a maior parte dos jovens a ter a sua primeira relação sexual.

“O que é que deve ocorrer para que exista? Sei lá, deve ocorrer de tudo. Sei lá, principalmente afecto, amor, o sentimento.” (António, 23 anos, 9º incompleto, pedreiro, sem namorada)

“Para mim eu acho que a primeira relação sexual... se calhar eu estou a criar muito floreado e muitas coisas à volta da primeira relação, mas eu acho que tem que ser uma pessoa... não digo que seja o homem da minha vida, com quem eu me vou casar, tem que ser uma pessoa com quem eu me identifique, com que tenha uma relação estável e que saiba que não me vou arrepender. Que seja aquela pessoa que eu amo, e é com ele que eu quero fazer aquilo, é com ele que eu quero perder a minha virgindade. Acho que é basicamente isso. Porque eu não vou querer perder a minha virgindade com qualquer pessoa que me apareça à frente, acho que não tem lógica. Se é uma coisa tua e que tu tens, tu tens que perder é quando quiseres e quando tu quiseres, e com quem tu te sentires mais à vontade.” (Patrícia, 20 anos, estudante do ensino superior, sem namorado).

A primeira relação sexual tende a inscrever-se no quadro de uma relação estável. O namoro, como “quadro esperado das relações exclusivas entre pessoas apaixonadas” (Heilborn, et al: 2006: p. 2), constitui o contexto onde, geralmente, as relações sexuais acontecem (Bozon, 1993; Heilborn et Bozon, 1996; Bozon et Kontula, 1997; Vasconcelos, 1997; Bozon, 2004; Le Gall; 2004; Heilborn et al, 2006). Quando a primeira relação sexual se inscreve no modelo ideal, isto é, no quadro de uma relação, com um parceiro de quem se gosta, com quem se tem confiança, quando se está preparado, é vivida da forma positiva (Le Gall, 2004). Uma boa primeira vez é a concretização duma relação que se

desenvolve gradualmente e que tem um seguimento (Bozon e Heilborn, 1996). É neste contexto que se diz que a primeira relação não se esquece, que se lhe atribui muita importância: *“Á, essa relação sexual foi com o meu primeiro namorado, tá?, por isso é que eu estou a dizer que não há amor como o primeiro.”* (Cátia, 27 anos, licenciatura, educadora de infância, com namorado)

E se as raparigas tendem a atribuir uma grande importância à primeira relação sexual, são também vários os rapazes para quem esta é muito importante, um momento especial e inesquecível. Neste sentido homens e mulheres não se diferenciam. Ambos associam a primeira relação sexual ao sentimento que têm pelo parceiro e à existência de uma relação que, embora possa não durar para sempre, se entende como estável. A iniciação sexual igualitária, em que ambos os parceiros têm uma primeira relação sexual um com o outro, contribui para a sentimentalização desta primeira relação sexual.

“É uma coisa que nunca se esquece, que nunca se vai esquecer e por isso não pode ser com qualquer pessoa. A minha primeira relação sexual foi com uma pessoa com quem eu andei 3 anos da minha vida, foi uma pessoa que me tocou e aquilo que eu aprendi, aprendi com ela e o que ela aprendeu, aprendeu comigo, então só por aí dá importância. É uma pessoa que ainda hoje me toca bastante e é muito importante haver isso.” (Paulo, 22 anos, 12º ano, electricista/pizzeiro, sem namorada)

“Foi muito importante, foi uma coisa calculada... não há amor como o primeiro e fica para sempre marcado [...]. Eu no meu caso, e na altura falava-se nisso no grupo de amigos, todos tivemos essa preocupação de ser com alguém de quem gostávamos, com quem namorávamos na altura e tinha que ser num sítio especial. Pronto, toda a gente queria aquele Q de magia.” (Pedro, 29 anos, licenciado, arquitecto, sem namorada)

Como referimos anteriormente, existiram jovens que salientaram as diferentes expectativas entre homens e mulheres relativamente à primeira relação sexual, no entanto outros há que consideraram que a primeira vez é igualmente importante para homens e para mulheres. As diferenças de comportamento estariam então nas pessoas e não sexo.

“Isso também digamos que vai variando, não é?, de pessoa para pessoa. Do tipo de houver uma rapariga que quer saber como é que é perder a virgindade talvez não ponha sentimento nenhum naquilo e vai lá e digamos que decorre o acto sexual por decorrer, não é? No caso do rapaz também. [...] Eu estou convencido que para algumas raparigas fazem mais aquilo para descoberta, não é?, para ver como é que é, os rapazes também, não há nada de sentimento [...]. No meu caso pessoal não foi bem isso, gostava da rapariga e tal e decorreu e aconteceu e penso que foi um momento importante para os dois” (Norberto, 23 anos, licenciado, bancário, com namorada)

Embora as convenções da masculinidade exijam sexo sem ligação emocional, vários estudos demonstram que os jovens reportam ter sentimentos para com as suas parceiras (Jamieson, 2005 [1998]). Neste sentido, Holland et al (1996) referem a

existência de jovens que resistem à ideia de que os homens são todos iguais, procurando comportar-se de formas mais sensíveis. As autoras referem que as entrevistas reflectiram o poder da heterossexualidade como lugar do poder masculino, mas expressaram também a capacidade dos indivíduos em desenvolver uma consciência crítica, que lhes permite desafiar a heterossexualidade compulsória, pelo menos em alguns encontros pessoais. (Holland et all, 1996).

Allen (2007) mostra também como o romance faz parte das experiências de relação dos jovens que entrevistou. Os jovens retiravam muito prazer das experiências românticas, tendo investido consideravelmente nestas. Contudo, os jovens reconheceram que ao falarem de romance existe uma tensão entre apresentar uma subjectividade romântica e constituir uma masculinidade apropriada. Os discursos dos jovens apontavam assim simultaneamente para uma subversão e para o reforço das masculinidades hegemónicas. O facto dos jovens falarem de si próprios como românticos e de falarem das experiências românticas como algo de positivo não representa um corte com a masculinidade hegemónica. Antes, esta situação pode ser vista como um exemplo de como a masculinidade hegemónica apropriou e reconfigurou uma masculinidade anteriormente considerada como subordinada – a masculinidade romântica. Esta apropriação pode ser entendida como o resultado de uma exigência contemporânea feita aos homens heterossexuais para ir de encontro às necessidades românticas das suas parceiras. Assim os jovens mostraram-se simultaneamente como românticos e masculinos, dando conta de um processo de desenvolvimento da masculinidade hegemónica como romântica, mas não demais.

Ora, apesar da masculinidade hegemónica, enquanto modelo cultural ideal, exercer sobre os homens “um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino” (Almeida, 1995: p. 17), na prática “as coisas não são tão rígidas: masculinidade e feminilidade são vividas enquanto conjuntos de qualidades que podem verificar-se no campo sexual oposto. Assim, é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou actividades femininas e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que remeteria para uma anormalidade” (idem: p. 60). Assim, “...ser homem é algo, sobretudo, do nível do discurso e do discurso enquanto prática. Campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande...” (idem: p. 16)

Duplo padrão sexual: permanência ou mudança

Como temos vindo a referir, desde a década de 60, do século XX, têm ocorrido mudanças no domínio da sexualidade, que vão no sentido de uma menor diferença entre comportamentos masculinos e femininos, de uma maior “permissão” para a procura do sexo pelo prazer, do aumento do número de parceiros e das práticas sexuais, etc. (Giddens, 1996; Weeks, 2003 [1996]; Vasconcelos, 1997; Pais, 1998; Bozon, 1998; 2005 [2002]; 2008; Bozon et Kontula, 1997; 2008; Kimmell, 2000; Jaspard, 2005 [1997]; Ferreira, 2008).

A sexualidade feminina exprime-se de forma mais exigente e activa no quadro de relações estabelecidas, existindo um crescimento da margem de manobra das mulheres e um alongamento da sua vida sexual. Contudo, permanecem ainda diferentes possibilidades de vivência da sexualidade para rapazes e para raparigas. Uma jovem que conheça, ao longo da sua vida sexual, múltiplas experiências “conhece fortes sanções de reputação” (Bozon, 2004: p. 21), o que não acontece no caso dos jovens que se encontram na mesma situação.

A assimetria social entre os sexos tem como consequência uma forte suspeição em relação às mulheres que têm mais que um parceiro, que são consideradas fáceis, ou àquelas que não o têm, que são consideradas como incompletas. O homem que tem muitas parceiras, “sexualmente experimentado”, e o celibatário não conhecem esta desvalorização feita à priori. O valor das mulheres está relacionado com a facilidade (ou dificuldade!) com que se entregam, enquanto que o valor dos homens está relacionado com os seus objectos de conquista. Existe então uma oposição entre raridade (mulheres)/ número (homens) que se tornou numa estrutura psicológica profundamente interiorizada. Mantém-se assim um duplo padrão para homens e mulheres que gera injunções contraditórias para homens e para mulheres (Bozon, 2005 [2002]).

Um estudo realizado por Holland et al (1996) mostra como homens e mulheres têm reputações sexuais diferentes. À medida que os jovens entram na sexualidade activa, têm que lidar com relações de poder genderizadas, embora possam resistir a efeitos específicos do poder. As entrevistas demonstram claramente a existência do duplo padrão sexual para homens e para mulheres, embora alguns entrevistados pudessem resistir ou ridicularizar a sua existência. O duplo padrão pode ser entendido como um mecanismo para regular as

práticas e expectativas sexuais, constituindo um ponto de referência para os jovens ao constituir as suas relações sexuais. Neste contexto, as mulheres que procuram o desejo sexual são percebidas como sujeitos negativos. No entanto, as raparigas também estão sobre pressão para terem a sua primeira relação sexual, ao mesmo tempo mantendo a sua reputação. Para os homens conseguir uma reputação sexual dá-lhes direito a experimentar a sexualidade de uma maneira que não é permitida às jovens. No entanto, alguns jovens resistem à ideia de que os homens são todos iguais, procurando comportar-se de formas mais sensíveis. Eles distinguem entre uma conquista sexual e o apaixonar-se por uma parceira sexual. Rapazes e raparigas referem que o duplo padrão sexual está a mudar, dando conta que as raparigas adquirem mais conhecimentos sexuais e expressam desejo sexual. Enquanto que alguns rapazes insistiam na permanência do duplo padrão sexual, outros reconheciam e muitas vezes acolhiam bem a mudança para uma maior igualdade. Para estes jovens o facto das mulheres poderem exprimir mais abertamente os seus desejos era visto como fazendo com que as mulheres estivessem mais disponíveis para eles, dando-lhes também acesso a relações mais próximas e mais gratificantes em termos emocionais.

Para Portugal Vasconcelos (1997), Pais (1998) e Ferreira (2008) referem que o duplo padrão sexual continua a existir. As experiências múltiplas e os relacionamentos ocasionais sem enquadramento amoroso continuam a sancionar a reputação das raparigas (Ferreira, 2008). “As mulheres sexualmente muito “vivas” merecem “um olhar de desconfiança e reprovação por parte da sociedade “respeitável”, enquanto que os homens têm uma maior permissividade, antes e depois do casamento (Pais, 1998); reprova-se assim o que é entendido como promiscuidade feminina, aceitando-se igual comportamento para os homens (Vasconcelos, 1997).

No quadro da nossa pesquisa, quando perguntamos aos jovens qual a sua opinião sobre um homem e uma mulher que têm vários relacionamentos esporádicos eles tendem a referir que a sociedade diferencia o comportamento de ambos, aceitando que os homens tenham várias parceiras e condenando as mulheres que fazem o mesmo. No entanto, e embora possam não realizar essas práticas, os jovens tendem a discordar destes pressupostos, considerando que tantos os homens como as mulheres têm direito de ter vários relacionamentos esporádicos. O facto de os jovens, rapazes e raparigas recorrerem a este tipo de relacionamentos pode ser entendido como uma necessidade de experimentar vários parceiros enquanto não se encontra uma pessoa certa ou como uma fuga ao compromisso o “*não querer agarrar uma relação*” (Paulo, 22 anos, 12^o ano,

electrecista/pizzeiro, sem namorada). Os jovens parecem assim estar cientes dos discursos de maior liberdade em termos sexuais e de maior igualdade entre homens e mulheres querendo conformar-se a estes e mostrando ter atitudes de maior respeito pela autonomia individual de cada um, embora na prática os seus comportamentos tendam a ser mais restritos.

“É assim a opinião geral que qualquer pessoa tem é que a mulher é uma prostituta por ter várias relações e o homem é um garanhão vá. Pronto, isso é a opinião pública entre aspás, mas eu acho que se essa mulher tem várias relações se calhar é porque ainda não encontrou a pessoa certa e está a experimentar entre aspás e acho não devemos condenar a mulher por causa disso. O homem também está a fazer basicamente o mesmo, porque todos somos livres de experimentar e todos somos livres de ver como é que é com esta pessoa, com aquela, sem compromissos, de experimentar, acho que todos somos livres disso.” (Patrícia, 20 anos, estudante do ensino superior, sem namorado)

“É igual tanto um como o outro, portanto vejo... da mesma maneira que vejo um vejo o outro, não há... eu pessoalmente não faço aquela diferenciação entre ser homem ter várias mulheres é um herói ou ser mulher e ter vários homens e ser mal vista pela sociedade. Acho que cada um é como é e deve ser como se sente bem, não ligar tanto à parte da sociedade, à parte do que as outras pessoas dizem.” (João, 24 anos, estudante do ensino superior, vendedor, sem namorada)

Apenas uma minoria dos jovens entrevistados partilha da opinião generalizada, olhando de forma diferente para um homem e para uma mulher que tenham vários relacionamentos esporádicos. Este é o caso do Luís para quem o facto de uma jovem ser vista com diferentes parceiros é encarado com desconfiança.

“Quer dizer as mulheres se calhar são mais apontadas, não é?, ter muitos namorados e não sei quantos, enquanto os homens são mais vistos como heróis, não é?, “eh, anda com muita rapariga”, pronto. Basicamente penso que seja isso. Se calhar também vou um bocado na onda, né? Se hoje vejo uma rapariga com um rapaz, amanhã, passado dois dias vejo com outro e não sei quanto, epá, se calhar não fico lá com muito boa impressão da rapariga, mas também não tenho nada a ver com isso, passa-me ao lado.” (Luís, 27 anos, 9º ano, operário, união de facto)

Para percebermos se realmente o duplo padrão sexual persistia perguntámos também aos jovens o que os achavam de uma pessoa que tivesse uma relação sexual num primeiro encontro ou nos encontros imediatamente a seguir. Mais uma vez temos jovens com um discurso que aponta num sentido mais igualitário, enquanto outros nos dão conta da permanência do duplo padrão. Para jovens, como a Carolina ou o Bruno, a existência de relações sexuais num primeiro encontro é algo normal, esta é uma prática que eles fazem ou já fizeram.

“Sei lá. Isso já me aconteceu. Acho que é... não sei, a gente não consegue adivinhar se vai acontecer. Pronto, se calhar hoje em dia há muita gente que procura, pronto, quer conhecer uma pessoa logo para ter relações, mas se calhar não podemos prever isso, [...] Portanto, acho que depende do estado de espírito, depende de tudo, e é preciso que os dois estejam de acordo, acho que não há impossibilidades, não sei.” (Bruno, 23 anos, 12º ano, DJ, sem namorada)

E. – Olha e curtir para ti o que é que é?

Curtir?

E. – Sim.

Aquela cena: curtir com gajas. Comi um gajo hoje ou uma gaja.

E. – Sim. Mas o que é que envolve? Até que ponto é que tu comes uma gaja ou um gajo?

É um flirt, tipo uns olhares, mesmo a tua postura, estás na discoteca e comes... a tua postura muda logo se estás ali num flirtzinho, muda, é tipo os pavões, não é?, começam-se a exhibir. E depois dá-se, ou seja, começam aos beijos, aos amassos, depois pode levar à cama ou não.

E. – Pode levar ou não?

Pode

E. – É conforme?

É conforme. Já tive curtes que não levam a cama.

E. – Já tiveste outras que levaram?

Claro. Toda a gente, acho eu, é normal.”

(Carolina, 22 anos, licenciada, empregada de loja, sem namorado)

No entanto, a maioria dos jovens tolera que as pessoas tenham vários relacionamentos esporádicos, mas não se envolvem neste tipo de práticas, que consideram não se adequar à sua maneira de estar. Estes jovens referem que precisam de conhecer minimamente as pessoas para se conseguirem envolver: *“Acho muito bem, não tenho nada contra, mas aí está, eu não sou capaz. Para mim o facto de olhar para a pessoa não desperta qualquer interesse, acho que preciso de conhecer primeiro um bocadinho a pessoa.” (Isabel, 25 anos, estudante do ensino superior, vendedora, sem namorado)*. Este tipo de conhecimento é coerente com o facto de vários jovens associarem a sexualidade ao sentimento e a uma relação.

Para uma minoria de rapazes, como é o caso do Norberto, existe uma desconfiança em relação à rapariga que se envolve numa relação sexual num primeiro encontro que a faz ser conotada como fácil, e que introduz uma desconfiança em relação ao seu comportamento futuro

“Quando saímos com uma rapariga porque gostamos da rapariga e a queremos conhecer melhor e gostávamos de namorar com ela e tal é verdade que na minha opinião de haver sexo logo na primeira noite não é a melhor imagem que a rapariga me pode transmitir. [...] É a tal história da desavergonhada e não sei das quantas e ela afinal só quer é sexo e não quer mais nada e uma pessoa está a pensar em algo mais sério, fica um pouco constrangido e um pouco desanimado, só isso. É a tal história, se partindo de mim é só por uma noite, partindo dela também pode ser só por uma noite, não há problema nenhum. Mas partindo de mim, quero um relacionamento mais sério e partindo dela logo na primeira noite, opá não sei, cria-se um sentimento de afinal a rapariga é mais fácil, digamos assim, entre aspas, do que aquilo que eu estava à espera ou do que aquilo que eu pensava. E depois uma pessoa começa a pensar: “epá, se fosse com outro gajo também, se calhar ela também...” e

depois uma pessoa começa a pensar algo menos bom e depois começa a pensar: “se eu namorar com ela quem me diz que talvez... sei lá, durante a semana não estou com ela e ela vai beber um café com um colega e não sei quê e depois ela acontece e também eu não fico a saber, essas tretas.” (Norberto, 25 anos, licenciado, bancário, com namorada)

O discurso do Norberto dá-nos conta da distinção feita entre raparigas “boas” para namorar, decentes, e as outras; distinção esta encontrada também em outros estudos (Almeida, 1996; Maxwell, 2007). Assim uma jovem que controle a sua sexualidade e tenham um número mínimo de parceiros pode ser entendida como séria, como alguém com quem se pode ter um compromisso. Já uma jovem que tenham vários relacionamentos esporádicos ou que se envolva rapidamente numa relação sexual com um parceiro logo num primeiro encontro tem a sua reputação manchada (Vasconcelos, 1997; Pais, 1998; Ferreira, 2008).

No entanto, é mais comum que os jovens desaprovem este tipo de comportamento tanto para rapazes como para raparigas. Mais uma vez os discursos dos jovens remetem para a importância de se conhecer o parceiro e para a existência das relações sexuais no quadro de um relacionamento amoroso, na medida em que é o desconhecimento do outro e a falta de sentimento que os levam a rejeitar a ideia de terem uma relação sexual num primeiro encontro.

Sei lá. No primeiro encontro minha nossa, é um bocado... eu acho não piada nenhuma a isso. Sei lá, no primeiro encontro se calhar é só estar por estar, é só uma coisa assim um bocado vamos dizer carnal, não é?, entre o rapaz e a rapariga, não há sentimento, não há nada, é só estar por estar e depois se calhar vai cada um à sua vida. Eu não vejo que isso dê futuro, essas situações. A meu ver acho que não (António, 23 anos, 9º incompleto, pedreiro, sem namorada).

“Sou um bocadinho do contra, porque para mim isso não era bem assim. Não conhece a pessoa, vai-se entregar, não sabe quem é, já disse, não sabe quem é que foi, não sabe o que é que tem” (Daniela, 18 anos, a frequentar um curso de equivalência ao 9º ano, união de facto)

O discurso dos nossos entrevistados aponta então para a permanência do duplo padrão sexual, mesmo que atenuado. Para as raparigas ter “muitos” parceiros sexuais ou ter uma relação sexual num primeiro encontro significa serem condenadas, enquanto que para os rapazes estas situações não parecem ter uma reprovação moral. Contudo, é, frequente, os jovens referirem que a sociedade em geral faz este tipo de distinções, mas eles acham que não deve haver diferenças entre ambos. Embora possam não ter este tipo de práticas, tendem a considerar que tanto os homens como as mulheres são livres de fazerem o que querem. Apesar de alguns jovens rapazes concordarem com o discurso dominante da

heterossexualidade, olhando com desconfiança para as jovens com muitos parceiros sexuais ou para as jovens que têm uma relação sexual num primeiro encontro, na maior parte dos casos quando os jovens condenam estes actos é tanto para mulheres como para homens, na medida em que consideram que as relações sexuais devem estar associadas ao sentimento amoroso ou que se deve conhecer os parceiros antes de se iniciar o acto sexual.

Ideias finais

O discurso dos jovens mostra-nos como os discursos convencionais da heterossexualidade coexistem com discursos que tendem a resistir às ideias convencionais do que é considerado ser a sexualidade masculina e feminina apropriada. Discursos tradicionais da heterossexualidade coexistem com discursos que nos dão conta de alguma mudança em termos de representações e comportamentos. Assim se existem jovens que consideram que a sexualidade, ou mais especificamente a primeira relação sexual, têm importâncias diferentes para homens e para mulheres, representado os jovens rapazes como tendo mais necessidade de ter relações sexuais, como associando o sexo ao prazer e à performance, estando mais facilmente desligado do sentimento, como se iniciando sexualmente por vontade de experimentar, banalizando o momento, e as raparigas como sujeitos mais sensíveis, que associam relações sexuais ao sentimento e ao quadro de uma relação estável, outros jovens consideram que rapazes e raparigas são iguais. Deste modo ambos dariam importância semelhante à sexualidade. Neste caso, as relações sexuais, especialmente a primeira, são pensadas como tendo sentido apenas em associação com um envolvimento afectivo e dentro do quadro da relação estável ou pelo contrário considera-se que cada vez mais homens e mulheres procuram relações esporádicas por prazer ou pela vontade de experimentar, assim a primeira relação sexual, não só para rapazes, mas também para raparigas, seria, pelo menos em parte, fruto de pressões exercidas pela grupo de pares.

O duplo padrão sexual atenuado (Vasconcelos, 1997) que regula diferentemente sexualidades femininas e masculinas, pressionando os homens para mostrar as suas conquistas sexuais e as mulheres para conseguirem um balanço entre a necessidade actual de se iniciarem sexualmente, mas sem que sejam sexuais demais, de modo a não mancharem a sua reputação, parece continuar presente como quadro de referência da

sociedade, mas a que, na maioria dos casos, os jovens resistem nos seus discursos. Há assim o reconhecimento que a sociedade julga de forma diferente homens e mulheres que queiram ter vários relacionamentos esporádicos ou que tenham relacionamentos sexuais em primeiros encontros, no entanto apenas uma minoria dos jovens concorda com esta classificação, referindo que respeitam a vontade e a autonomia de cada um para fazerem o que entenderem ser o melhor para eles. Na prática a maioria dos jovens, rapazes e raparigas, afastam-se deste tipo de comportamentos que consideram não se adequar à sua maneira de estar. Quando estes casos são condenados são-no igualmente para homens e para mulheres, na medida em que não se conformam com o ideal de associação de sentimento amoroso e prática sexual, com um parceiro que se conhece e em que se confia.

Deste modo se existem discursos que apontam para a existência de diferenças entre homens e mulheres, nota-se a existência de cada vez mais jovens que defendem a igualdade entre ambos. Neste sentido, considera-se que existem diferenças entre pessoas e não entre sexos.

Mas a extensão e a natureza das mudanças relativas às experiências heterossexuais mantém-se incerta (Maxwell, 2007). A extensão da mudança observada nas identidades e práticas heterossexuais dos jovens é moderada pela presença por atitudes normativas de papéis de género (idem). Embora tenha havido importantes mudanças na organização do género dos últimos tempos, persistem os pressupostos tradicionais sobre os significados da masculinidade e da feminilidade permanecem fortemente enraizados nas práticas do quotidiano. Assim se por um lado é possível reconhecer ganhos para uma maior igualdade, por outro lado permanecem certas desigualdades (Weeks, 2007).

A existência de mudanças e continuidades no domínio da sexualidade cria tensões e contradições que são indicativas da persistência de um constrangimento à volta do que é sexual e que coexiste com a aceitação de uma maior liberdade e diversidade sexual. As moralidades sexuais da modernidade tardia encontram-se em tensão entre a celebração do prazer sexual, da experimentação e da diversidade e de uma consciencialização da sexualidade como fonte de ansiedade (Jackson e Scott, 2004).

Actualmente, no mundo da sexualidade existe uma variedade de diferentes, e por vezes contraditórios, discursos do que significa o sexual, estes são conjuntos organizados de discursos, articulados através de uma série de diferentes linguagens e ancorados numa densa rede de actividades sociais. Existe uma variedade de significados sexuais que coexistem num mesmo momento. (Weeks, 2003 [1986]).

Bibliografia

ALLEN, Louisa (2003) "Girls want sex, boys want love: resisting dominant discourses of (hetero)sexuality, *Sexualities*, vol. 6(2), pp: 215-236

ALLEN, Loisa (2007) "Sensitive and Real Macho all at the same time: Young heterosexual men and romance", *Men and Masculinities* vol. 10 (2), pp. 137-152

ALMEIDA, Miguel Vale de Almeida (1995) *Senhores de si: Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim de Século, Lisboa

BECK, Ulrich and Elizabeth Beck-Gernsheim (1995) *The normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity press

BOZON, Michel; Heilborn, Maria (1996) « Les caresses et les mots: Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris » in *Terrain* 27, pp. 37-58

BOZON et Kontula (1997) « Inicitation sexuelle et genre: comparaison de evolutions de douze pays européens » in *Population* 6, pp. 1367-1400

BOZON, Michel (1993) « L'Entrée dans la sexualité adulte : le premier rapport et des suites, du calendrier aux attitudes » in *Population*, 5, pp. 1317-1352

BOZON, Michel (1998) « La sexualité a-t-elle changé ? Regards sur l'activité sexuelle et sur ses significations à l'ère du sida » in Bajos, Nathalie; Bozon, Michel; Ferrand, Alexis; Giami, Alain; Spira, Alfred (dir.) *La sexualité aux temps du sida*, Paris, PUF

BOZON, Michel (2004) « La nouvelle normativité des conduites sexuelles ou la difficulté de mettre en cohérence les expériences intimes » in Marquet, Jacques (dir) *Normes et conduites sexuelles. Approches sociologiques et ouvertures pluridisciplinaires*, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant

BOZON, Michel (2005 [2002]) *Sociologie de la Sexualité*, Armand Colin

BOZON, Michel (2008) « Premier rapport sexuel, première relation : des passages attendus », in BAJOS, Nathalie et Michel Bozon (coord.) (2008) *Enquête sur la sexualité en France. Pratiques, Genre et Santé*, Paris, La Découverte, pp. 117 - 147

DUCOMBE, Jean; Marsden, Dennis (1993) "Love and Intimacy: the gender division of emotion and "emotion work". A neglected aspect of sociological discussion of heterosexual relationships, *Sociology*; Vol. 27(2); 221-241

FERREIRA, Pedro Moura (2008) “A primeira vez – juventude, género e sexualidade”, *VI Congresso Português de Sociologia*, UNL – FCSH, www.aps.pt/vicongresso/pdfs/113.pdf

FLOOD, Michael (2008) “Men, Sex and Homosociality: How bonds between men shape their sexual relations with women”, *Men and Masculinities* Vol. 10(3), pp. 339-359

GIDDENS, Anthony (1996) *Transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Celta Editora, Oeiras

HEILBORN, M. (1999) “Construção de si, género e sexualidade” in (org.) Heilborn *Sexualidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

HEILBORN, Maria Luiza; Crabral, Cristiane; Bozon, Michel e Grupo Gravad (2006) *Género e carreiras sexuais e reprodutivas de jovens brasileiros*, (s/referência)

HOLLAND, Janet et all (1996) “Reputations: journeying into gendered power relations”, in Weeks e Holland (ed.) *Communities, values and intimacy*, British Sociological Association, MacMillan Press Ltd, London

HOLLAND, Janet; Ramazanoglu, Caroline; Sharpe, Sue; Thomson, Rachel (2004 [1998]) *The Male in the Head: young people, heterosexuality and power*, London, Tyfnellpress

HOLLAND, Janet; Ramazanoglu, Caroline; Thomson, Rachel [2006 (2002)] “In the same boat?”, in Stevi Jackon e Sue Scott (org.), *Gender – a sociological reader*, London and New York, Routledge

JACKSON, Stevi; Scott, Sue (1997) “Gut reactions to matters of the heart: reflections on rationality, irrationality and sexuality”, *Sociological Review*, 45(4) 551-75

JACKSON, Stevi; Scott, Sue (2004) “Sexual Antinomies in late modernity”, *Sexualities* 7(2): 233-48

JACKSON, Stevi; Scott, Sue [2006 (2002)], *Gender – a sociological reader*, London and New York, Routledge

JAMIESON, Lynn (2005 [1998]) *Intimacy: Personal Relationships in Modern Societies*, Cambridge, Polity Press

JASPARD, Maryse (2005 [1997]) *Sociologie des comportements sexuels*, Paris, La Découverte

KIMMEL, Michael (2000) *The gendered Society Reader*, Oxford, University press

LE GALL, Didier (2004) «La première fois» in Marquet, Jacques (dir) *Normes et conduites sexuelles. Approches sociologiques et ouvertures pluridisciplinaires*, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant

PAIS, José Machado (1998), “Vida amorosa e sexual” in Machado Pais (coord.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa; ICS, pp. 407-465

PLUMMER, Ken (2005) “Male Sexualities” in Kimmell, Hearn e Connell (ed.) *Handbook of Studies on Men & Masculinities*, Thousand Oaks, London, New Delhi, Sage Publications, pp. 178-193

MAXWELL, Claire (2007) “Alternative Narratives of young people’s heterosexual experiences in the UK”, *Sexualities* Vol. 10(5), pp. 539-558

RICHARDSON, Diane (2000) *Rethinking Sexuality*, London, Sage Publications

THORNE, Barrie [2006 (2002)], “Do girls and boys have different cultures?”, in Stevi Jackson e Sue Scott (org.), *Gender – a sociological reader*, London and New York, Routledge

VASCONCELOS, Pedro (1997) “Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens Portugueses”, coord. Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais in *Jovens Portugueses de hoje*, Oeiras, Celta, pp. 215 – 305

WEEKS, Jeffrey (2003 [1986]) *Sexuality*, London and New York, Routledge

WEEKS, Jeffrey (2007) *The world we have won*, London and New York, Routledge

WEEKS, Jeffrey (2008) “Traps we set ourselves”, *Sexualities* Vol. 11, pp. 27-33